

FLÁVIA RITA 
www.flaviarita.com

 @PROFESSORAFLAVIARITA

 @PROFESSORAFLAVIARITA

 /PROFESSORAFLAVIARITA

 @PROFAFLAVIARITA

CONTEÚDO

Simulado 08



19:21:05

LÍNGUA

PORTUGUESA

PROFESSORA: FLÁVIA RITA

Atenção: Para responder às questões de números 1 a 6, baseie-se no texto abaixo.

Leis vivas

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, disse Camões num de seus sonetos. Um jurista certamente endossará esse verso: mudam as leis com o tempo, e mudam de acordo com a dinâmica das vontades e das necessidades humanas. Se as sociedades fossem estáveis e se imobilizassem no tempo, os costumes, os valores e as leis que os regessem seriam sempre os mesmos. Mas o dinamismo da história está permanentemente exigindo atualizações, quando não reviravoltas radicais de princípios. Por isso os códigos caminham: para o ajuste permanente entre o que vai mudando nos costumes e o que deve ir mudando nas leis.

Lembremos que as mudanças não ocorrem apenas no correr do tempo; atuam também nas relações entre as pessoas, entre os segmentos e as classes sociais. Assim é que, além de se fazer viva na corrente do tempo, a legislação deve se provar viva também nas cadeias horizontais em que indivíduos e grupos se relacionam. Os efeitos de uma mesma lei podem ser diferentes quando aplicada em condições e sujeitos distintos. Em vista das várias classes sociais e várias culturas de um país, podem acusar-se aqui e ali práticas e consequências diversas na administração dos mesmos direitos.

A atenção dos legisladores para alguma mobilidade essencial dos valores e dos costumes é uma exigência intrínseca à sua função. Cabe-lhes interpretar ao mesmo tempo com prudência e maleabilidade as alterações de paradigmas, para que as leis não percam o passo com o sentido das mudanças – que Camões tão bem expressou – nos regimes do tempo histórico e das vontades humanas.

(MOREYRA, Felipe de Assis, inédito)

1. Um requisito imprescindível para a eficaz elaboração das leis está, conforme se afirma no
 - a) primeiro parágrafo, na observância do que é permanente no quadro dos valores de uma sociedade.
 - b) segundo parágrafo, na preservação das diferenças que constituem a heterogeneidade das classes sociais.
 - c) terceiro parágrafo, o estrito cumprimento dos paradigmas que fixam o perfil de uma sociedade.
 - d) primeiro parágrafo, na dinâmica que rege as leis em conformidade com a dos costumes e valores sociais
 - e) segundo parágrafo, no predomínio dos interesses representados nas cadeias horizontais sobre os da corrente do tempo.
2. Ao retomar o citado verso de Camões e admitir seu endosso por um jurista, o autor do texto considera que
 - a) a mudança das leis ocorre na mesma proporção em que as vontades mudam a natureza mesma do tempo.
 - b) a mudança das disposições humanas, verificada na mudança dos tempos, faz necessária a mudança das leis.
 - c) as vontades humanas, intensificadas com o tempo, acabam por consolidar a premen-

te necessidade das leis.

- d) a alternância entre os tempos e as vontades imprime às leis a necessidade de uma dinâmica que lhes seja própria.
- e) a relevância das leis ocorre na medida mesma em que possam alterar as vontades humanas na dinâmica do tempo.

3. Quanto aos efeitos gerados pela aplicação das leis, considera-se no texto que eles

- a) refletem a universalidade dos princípios do legislador, em razão do que não ocorrem distorções na administração delas.
- b) atestam por si mesmos, independentemente das condições dessa aplicação, o atendimento básico às necessidades humanas.
- c) acusam, eventualmente, as diferentes condições de classe e de cultura em que elas são aplicadas.
- d) denunciam, de modo inapelável, os equívocos inerentes à formulação viciosa dos dispositivos legais.
- e) constituem consequências naturais de uma legislação cujos princípios éticos não foram devidamente considerados.

4. Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) *reviravoltas radicais de princípios* (1o parágrafo) = conturbações prementes de critérios.
- b) *para que as leis não percam o passo* (3o parágrafo) = a fim de que a legislação mantenha correspondência.
- c) *podem acusar-se aqui e ali* (2o parágrafo) = costumam retratar-se alhures.
- d) *alguma mobilidade essencial* (3o parágrafo) = certa dinâmica imperscrutável.
- e) *além de se fazer viva na corrente do tempo* (2o parágrafo) = não obstante se revivifique com a cadeia temporal.

5. Está inteiramente clara e correta a **redação** deste livre comentário sobre o texto:

- a) O verso de Camões, citado no texto, tem um sentido bastante aberto, mas ganhou especificidade ao ser associado à dinâmica própria das leis.
- b) Embora se falem dos tempos e das vontades humanas, o verso camoniano inspirou que o autor do texto o aplicasse ao movimento das leis.
- c) Tanto quanto costuma ocorrer com o tempo e a vontade dos homens, assim também a vigência das leis está sujeita à uma dinâmica particular.
- d) Por vezes um poeta como é o caso de Camões, aproveita-se um verso seu para referendar a verdade de um outro campo do pensamento.
- e) Às mudanças que ocorrem no tempo voluntarioso dos homens sobrepõe-se também, proporcionalmente, mudanças quando se trata da legislação.

6. Há emprego de voz passiva e pleno atendimento às normas de concordância na frase:

- a) O sentido das mudanças que Camões expressou dizem respeito a uma dinâmica implacável a que se submete os eventos naturais e históricos.
- b) Se necessárias mudanças deixam de haver na legislação, esta acaba pecando pelo anacronismo e pela ineficácia de seus dispositivos.
- c) Sendo exigida dos legisladores a sensibilidade para formular leis justas, eles devem estar atentos à mobilidade dos valores e costumes sociais.
- d) Não são desejáveis, nos textos dos instrumentos legais, o brilho das figuras retóricas; o que importa é a objetividade da formulação.
- e) A linguagem da poesia, por meio de imagens, pode ser persuasiva; mas a elas não devem curvar-se, em seu específico ofício, o legislador austero.

Atenção: Para responder às questões de números 7 a 12, baseie-se no texto abaixo.

[Gestos e palavras]

Uma vez eu estava em Londres numa sala comum da classe média inglesa: a lareira acesa, todo mundo com sua taça de chá, a família imersa naquela naturalidade (chega a parecer representação) com que os ingleses aceitam a vida. Os ingleses, diz o poeta Pessoa, nasceram para existir!

A certa altura um garoto de uns dez anos começou a contar uma história de rua, animou-se e começou a gesticular. Só comecei a perceber o que se passava quando notei que aquele doce sorriso mecânico, estampado em cada rosto de todas as pessoas da família, sumiu de repente, como se uma queda de voltagem interior houvesse afetado o sorriso coletivo. Olhos de avó, mãe, tias e tios concentraram-se em silêncio sobre o menino que continuava a narrativa com uma inocência maravilhosa. Diante disso, uma das senhoras falou para ele com uma voz sem inflexões: “Desde quando a gente precisa usar as mãos para conversar?”

Vi deliciado o garoto recolher as mãos e se esforçar para transmitir o seu conto com o auxílio exclusivo das palavras. O sorriso de todos iluminou de novo a sala: a educação britânica estava salva.

Imaginemos um garoto italiano de dez anos que fosse coarctado* pela família em seus gestos meridionais. Seria uma crueldade, uma afetação pedagógica, uma amputação social. Daí cheguei à conclusão óbvia: os ingleses educam os filhos para que eles venham a ser ingleses, os italianos, para que venham a ser italianos.

*Coarctar: reduzir-se a limites mais estritos; restringir, estreitar

(CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 209-210)

7. De sua experiência em Londres, relatada no texto, o autor reteve sobretudo a impressão

- a) do desajuste entre a vivacidade de uma fala e uma tradição cultural em que os modos de expressão já estão convencionados.
- b) da contraposição entre o comportamento padronizado da família inglesa e o sentido da fala da senhora que se dirigiu ao menino.
- c) do contraste entre a iniciativa do menino inglês e do que se costuma esperar nas iniciativas de meninos de outras nações.

- d) da irrelevância que as palavras espontâneas de um menino podem adquirir num meio social em que se valorizam outoscódigos.
- e) da indiferença com que adultos de hábitos já cristalizados respondem ao discurso natural e vivo de um menino loquaz.

8. Com base no segmento textual indicado, o autor destaca

- a) o relativismo dos valores nacionais, em a educação britânica estava salva.
- b) a superioridade da cultura meridional, em Imaginemos um garoto italiano.
- c) o papel formador da escola tradicional, em uma afetação pedagógica.
- d) a insurgência do menino, em Vi deliciado o garoto recolher as mãos.
- e) o consenso das reações da família, em afetado o sorriso coletivo.

9. Considerando-se o tipo de texto explorado pelo autor, verifica-se que ele é predominantemente **narrativo**, pela insistente presença de segmentos como

- a) A certa altura um garoto de uns dez anos começou a contar uma história, embora ao final do texto a expressão a conclusão óbvia anuncie um segmento **argumentativo**.
- b) aquele doce sorriso mecânico, conquanto haja alguma presença de discurso **dissertativo**, como em Vi deliciado o garoto recolher as mãos.
- c) os ingleses educam os filhos para que eles venham a ser ingleses, ao lado de algumas expressões **descritivas** como a educação britânica estava salva.
- d) coarctado pela família em seus gestos meridionais, contrastando com o segmento **descritivo** Imaginemos um garoto italiano.
- e) Os ingleses, diz o poeta Pessoa, nasceram para existir, em apoio ao que há de **descritivo** na expressão os ingleses aceitam a vida.

10. É correta e coesa a nova redação dada a um segmento do texto em:

- a) Conforme disse o poeta Pessoa, segundo o qual é afim de existir que nascem os ingleses.
- b) A naturalidade da qual imergia a família representa o quanto se aceitam a vida entre os ingleses.
- c) Sem usar sequer inflexões, uma das senhoras advertiu de que não se precisam de mãos numa conversa.
- d) O garoto abdicou dos gestos e buscou se valer tão somente de recursos verbais em sua narração.
- e) Aos garotos italianos tornar-se-iam impossíveis gestos evitados em suas falas tipicamente meridionais.

11. Ambos os elementos sublinhados exemplificam uma mesma função sintática em:

- a) Vi deliciado o garoto recolher as mãos.
- b) Os ingleses, diz o poeta, nasceram para existir.

- c) O sorriso de todos iluminou de novo a sala.
- d) O menino continuava a narrativa com uma inocência maravilhosa.
- e) Aquele doce sorriso mecânico sumiu de repente.

12. Observam-se as normas que regem o emprego dos sinais de crase e de pontuação em:

- a) Não há dúvida, de que o autor do texto recorre à estereótipos culturais em sua narrativa a qual não faltam elementos de humor.
- b) Quando se assiste à cenas familiares, marcadas pelo conservadorismo, vê-se logo, quão divertido é quebrar os protocolos.
- c) O que será? – pensou o autor que parecia ter levado às pessoas a calarem-se diante de uma narrativa tão animada.
- d) Não sem propósito, atribui o autor às crianças italianas características de comunicação que não se permitem às inglesas.
- e) O garoto inglês advertido pela senhora, desistiu da ênfase dos gestos e passou aquela que se dá nos limites do discurso verbal.

Texto 3

O menino parado no sinal de trânsito vem em minha direção e pede esmola. Eu preferia que ele não viesse. [...] Sua paisagem é a mesma que a nossa: a esquina, os meios-fios, os postes. Mas ele se move em outro mapa, outro diagrama. Seus pontos de referência são outros.

Como não tem nada, pode ver tudo. Vive num grande playground, onde pode brincar com tudo, desde que “de fora”. O menino de rua só pode brincar no espaço “entre” as coisas. Ele está fora do carro, fora da loja, fora do restaurante. A cidade é uma grande vitrine de impossibilidades. [...] Seu ponto de vista é o contrário do intelectual: ele não vê o conjunto nem tira conclusões históricas – só detalhes interessam. O conceito de tempo para ele é diferente do nosso. Não há segunda-feira, colégio, happy hour. Os momentos não se somam, não armazenam memórias. Só coisas “importantes”: “Está na hora do português da lanchonete despejar o lixo...” ou “estão dormindo no meu caixote...” [...]

Se não sentir fome ou dor, ele curte. Acha natural sair do útero da mãe e logo estar junto aos canos de descarga pedindo dinheiro. Ele se acha normal; nós é que ficamos anormais com a sua presença.

(JABOR, A. O menino está fora da paisagem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 abr. 2009. Caderno 2, p. D 10)



13. A partir da leitura atenta do texto, pode-se apreender que a presença do menino de rua provoca no narrador o seguinte sentimento
- a) Revolta.
 - b) Desconforto.
 - c) Indiferença.
 - d) Piedade.

*“Sua paisagem é a mesma que a nossa: a esquina,
os meios-fios, os postes.*

Mas ele se move em outro mapa, outro diagrama.” (1º§)

14. O autor estabelece, argumentativamente, uma distinção inicial que é marcada pelo uso dos pronomes possessivos e revela um posicionamento discursivo. Com esses pronomes, o autor:
- a) insere-se na realidade do menino de rua, sendo solidário a ele.
 - b) aproxima-se do leitor que teria uma realidade semelhante a dele.
 - c) desloca o menino de rua para a realidade dos leitores.
 - e) afasta-se da realidade dos leitores aos quais faz referência.
15. O conectivo destacado no trecho relaciona ideias introduzindo o valor semântico de:
- a) Explicação.
 - b) Conclusão.
 - c) Oposição.
 - d) Condição.
16. Em “Eu preferia que ele não viesse.” (1º§), nota-se um emprego mais coloquial da regência do verbo preferir, contrariando a norma culta. Isso se explica devido:
- a) ao uso de apenas um dos complementos exigidos pelo verbo.
 - b) à presença de um complemento verbal na forma de oração.
 - c) à ausência da preposição “a” antes do complemento verbal.
 - d) ao emprego do conectivo “que” como ferramenta coesiva.
17. As aspas, ao longo do texto, foram empregadas, por vezes, com razões distintas. Nesse sentido, assinale a alternativa em que se faz um comentário incorreto a respeito do emprego desse recurso.
- a) onde pode brincar com tudo, desde que “de fora”(2º§) – ressalta a ideia de exclusão.
 - b) O menino de rua só pode brincar no espaço “entre”(2º§) - indica um lugar simbólico.
 - c) Só coisas “importantes” (2º§) – explora-se o efeito irônico do termo.

- d) “Está na hora do português da lanchonete despejar o lixo...” (2º§) – sinaliza um diálogo.
18. Em “A cidade é uma grande vitrine de impossibilidades.”(2º§), para conferir expressividade ao seu texto, o autor faz uso da seguinte figura de estilo:
- metonímia.
 - personificação.
 - paradoxo.
 - metáfora.
19. No período “Como não tem nada, pode ver tudo.” (2º§), observa-se que as orações relacionam-se entre si, sendo a primeira classificada como:
- subordinada adverbial.
 - subordinada adjetiva.
 - subordinada substantiva.
 - coordenada sindética.
20. Assinale a opção em que se indica uma passagem do texto que NÃO pode ser entendida de modo literal.
- “O menino parado no sinal de trânsito vem em minha direção e pede esmola.” (1º§)
 - “Seus pontos de referência são outros.” (1º§)
 - “Ele está fora do carro, fora da loja, fora do restaurante.” (2º§)
 - “Acha natural sair do útero da mãe e logo estar junto aos canos de descarga pedindo dinheiro.” (3º§)

19:21:05

GABARITO

1-D	2-B	3-C	4-B	5-A	6-C	7-E	8-A	9-D	10-B
11-B	12-D	13-B	14-B	15-	16-A	17-A	18-D	19-A	20-D